

A LINGUAGEM DA MÍSTICA MEDIEVAL CRISTÃ NO POEMA *COLOQUIO DE AMOR DE TERESA D'ÁVILA*

Maria Graciele de LIMA¹

RESUMO:

A produção de escritos pertencentes à Mística cristã ocidental, na Idade Média, foi expressiva. Especialmente em mosteiros e nas beguinarias (no caso da produção realizada por mulheres), essa prática foi intensamente buscada e tal fato resultou numa significativa quantidade de manuscritos. A existência destes, seus conteúdos e estéticas variadas, elucidam novas discussões a respeito do período medieval, provocando reformulações de conceitos e, conseqüentemente, trazendo uma reelaboração da historiografia. Interessa afirmar que nos escritos mencionados, é possível encontrar peculiaridades dignas de serem consideradas pelos estudos literários e que, muitas delas, continuaram a ser utilizadas em textos religiosos produzidos durante os séculos que se enquadram, classicamente, na Modernidade. Assim, este artigo destaca alguns elementos da Mística ocidental cristã próprios da Idade Média presentes no poema *Coloquio de Amor*, escrito pela monja carmelita Teresa d'Ávila (1615-1682), tais como o fato de se apresentar como a linguagem de uma experiência, além de tratar sobre o amor esponsal entre uma alma humana e seu Amado divino. Para fundamentar as reflexões propostas, serão consideradas as contribuições de Juan Martín Velasco (2009) sobre alguns aspectos da linguagem mística, os pareceres de Jacques Le Goff (2010) a respeito da concepção de Idade Média e os apontamentos de Lieve Troch (2013) quanto à Mística medieval cristã como uma vivência muito comum às mulheres religiosas da Idade Média.

Palavras-chave: Idade Média. Literatura Mística. Teresa d'Ávila.

ABSTRACT

The production of writings belonging to the Western Christian Mysticism in the Middle Ages was significant. Especially in monasteries and in beguinarias (in the case of production by women), this practice was intensely sought and this fact resulted in a significant number of manuscripts. The existence of these, its contents and different aesthetic, elucidate further discussions about the medieval period, causing reformulation of concepts and, consequently, bringing a rewriting of historiography. It is interesting to say that in the writings mentioned one can find peculiarities worthy of being considered by literary studies and that many of them continued to be used in religious texts produced over the centuries that may be included, classically, in Modernity. Thus, this article highlights some elements of Western Christian Mysticism own Middle Ages present in the poem "Coloquio de amor", written by Carmelite nun Teresa of Avila (1615-1682), such as the fact to present itself as the language of an experience, plus deal on the spousal love between a human soul and the divine Beloved. In support of the proposed reflections, the contributions of Juan Martín Velasco (2009) will be

¹ Doutoranda (Ppgl/UFPB - CNPq). Desenvolve pesquisa sobre a obra de Teresa d'Ávila, sob a orientação da Professora Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne.

considered on some aspects of mystical language, the opinions of Jacques Le Goff (2010) regarding the conception of the Middle Ages and the notes of Lieve Troch (2013) referring to the medieval Christian mystic as a very common experience to the religious women of the Middle Ages.

Keywords: Middle Ages. Mystical literature. Teresa of Avila.

Considerações iniciais

A obra literária deixada por Teresa d'Ávila consiste em um valioso conjunto de títulos e de textos esparsos que foram coletados e publicados ao longo do tempo após a sua morte, em 1582. Nesse conjunto de escritos é possível encontrar, por exemplo, cartas, memórias, obras apologéticas, poesia e livros de fundações. Estes últimos estão relacionados ao seu exercício como fundadora de conventos depois de haver se tornado a reformadora da Ordem do Carmo, criando a Ordem das Carmelitas Descalças.

No caso da poesia, a linguagem expressiva da Mística está intrinsecamente ligada à linguagem literária e, portanto, as análises que dela se depreendem não podem desvelar todas as nuances de seu conteúdo e de suas simbolizações já que lidam com dois universos cujos alicerces são pautados na metáfora. De um lado, a Mística, que não pode ser teorizada nem relatada por completo, pois sua essência é experiencial. Do outro, a Literatura que, por ser arte, se expressa por inúmeros caminhos subjetivos.

Importa acrescentar ainda que o trabalho de investigação gerador da crítica literária visa construir/ desconstruir pontos de vista estanques. Por essa razão, importa reconhecer, na poesia de Teresa d'Ávila, algumas das marcas que mostram mais do que expressão devocional religiosa, isto é, levam a perceber que a poesia teresiana atesta sua vinculação a uma tradição literária que se junta à Mística cristã ocidental nascida durante a Idade Média.

Seguindo esse pensamento, interessa um diálogo com os estudos de Jacques Le Goff (2010) sobre a Idade Média, defendendo a continuação de muitos dos valores desse período por muito mais tempo do que a historiografia clássica tem considerado. Dentre esses valores, encontram-se aqueles relacionados à experiência mística cristã que é relatada de inúmeras formas, em muitos escritos deixados por religiosos/ religiosas, sejam os/as que pertenciam às ordens oficiais da Igreja de Roma, sejam aqueles/aquelas que faziam parte dos diversos movimentos não oficiais, como foi o caso das beguinhas.

Os apontamentos de Juan Martín Velasco (2009), a respeito da linguagem pela qual a Mística se expressa, também ajudam a tornar evidentes os pareceres que se desenham na presente discussão. A tais apontamentos, juntam-se as contribuições de Lieve Troch (2013), quando se referem a algumas particularidades da Mística cristã encontradas nos escritos das mulheres que viveram durante o medievo.

Assim, intenciona-se o desenvolvimento de uma discussão pertinente ao reconhecimento de traços da Mística cristã ocidental no poema *Coloquio de Amor*, escrito por Teresa d'Ávila. Esse reconhecimento, longe de distanciá-lo da arte literária, muito mais o

aproxima desta, já que as linguagens da Mística e da Literatura partilham a mesma base: a metáfora.

Idade Média e Mística cristã ocidental

O longo momento ao qual se convencionou chamar de Idade Média tem sido motivo de inesgotáveis discussões. Em diversos campos investigativos como é o caso da História, da Filosofia e dos Estudos Literários, a revisitação de textos, sejam no idioma em que foram escritos ou em traduções (muitas delas, recentes), tem propiciado o interesse numa revisão historiográfica, bem como numa revisão do cânone literário.

O resultado desse interesse já se apresenta como possibilidades de reconfigurações conceituais, no delineamento de novos olhares para o que, até há pouco tempo, ocupava o equivocado lugar de, definitivamente, conhecido. Surgem, também, novos representantes de uma produção literária vasta e multifacetada, aberta a leituras e à crítica.

Nesse contexto de compreensões, encontra-se a Mística cristã ocidental que teve seu berço no medievo, mas continuou sendo vivida e relatada após o início da Modernidade. Sobre parte desse tema, interessa a visão de Jacques Le Goff, quando considera que a Idade Média, com relação às mentalidades, atuou por alguns séculos após o início do que a historiografia clássica chama de Idade Moderna. Segundo o historiador, “[...] há uma longa Idade Média que iria até o fim do século XVIII. Pode-se dizer que a Idade Média só teve fim com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial!” (LE GOFF, 2010, p. 29).

Partindo desse olhar, torna-se compreensível a ideia de História enquanto um processo e que, portanto, não poderia ser vista apenas como uma sequência de períodos encaixados entre fatos que fazem abertura e finalização dos mesmos. Esse novo parâmetro traz uma importante consequência que é a flexibilização da crítica em relação aos textos literários, provocando o exercício de repensar conceitos e interpretações.

Retornando à ideia de Mística cristã ocidental, é importante lembrar que esse é um espaço bastante escorregadio e isso se dá pelo fato de qualquer tipo de mística não admitir interpretações definitivas. O caso desta discussão ganha contornos mais delicados ainda porque acrescenta, à ideia de Mística, a questão da arte literária.

Esses dois universos encontram-se interligados, frequentemente, quando se trata da chamada Mística cristã ocidental nascida na Idade Média. Nesse contexto, o que permite o empreendimento de discussões sobre tal assunto é justamente um significativo número de textos escritos por monjas, monges, leigos, mas também por aqueles que faziam parte dos movimentos religiosos não oficiais da Igreja de Roma, como as beguínas, os begardos, o goliardos e os lolardos, entre outros que nem chegaram a se projetar com a mesma veemência.

Destaque-se, aqui, o caso dos escritos de Hadewijch de Ambères, uma beguina que deixou relatos de visões, cartas e poemas e, de maneira geral, talvez se possa dizer que esses textos são as mais tangíveis marcas de sua biografia², já que pouco se registrou sobre sua vida.

² Essa afirmação traz, implicitamente, a ressalva sobre Literatura e biografia. A primeira não apresenta, necessariamente, a segunda já que aquela é arte e esta enfoca a “vida literal” (também embebida de relatividades). O que pode ser afirmado, no caso de Hadewijch de Ambères, é que seus textos configuram-se como um elemento, especialmente resistente, ao lado dos poucos dados que foram coletados sobre sua biografia.

É viável afirmar que “[...] Hadewijch não encontrou seu biógrafo [...] sem dúvida porque, como beguina, vivia fora de um meio monástico. Somente um manuscrito conservou seu nome com uma indicação geográfica: «Bem-aventurada Hadewijch de Amberes»”³ (Tradução nossa). A situação dessa beguina traz à luz, muito mais do que a dificuldade de situá-la na historiografia das letras e das mulheres, o fato de que existe muito a ser desvelado nesse espaço de conhecimentos.

Quanto à obra deixada por Teresa d’Ávila, alguns elementos delineiam outras particularidades que interessam ser vistas. Uma delas é que se trata da produção de uma religiosa carmelita que viveu numa era medieval tardia. Num momento de profundas transformações culturais voltadas ao acesso das mulheres ao conhecimento, bem como da atuação das mesmas em papéis de liderança (especialmente no seio da Igreja de Roma), Teresa d’Ávila escreve textos marcados pela Literatura e pela Mística e, nesse sentido, escrever obras marcadas pela Mística quer dizer relatar suas vivências pessoais, interiores, autoimplicativas, enquanto experiência com o inefável.

Essas afirmações são pertinentes a partir de uma compreensão do que significa a experiência mística e de como esta é relatada na grande maioria dos escritos advindos desse espaço subjetivo. Assim, antes de tecer considerações mais específicas a respeito do poema escolhido para a presente análise, é indispensável clarificar o sentido de Mística. De acordo com Juan Martín Velasco, a palavra ‘mística’

[...] é a transcrição do termo grego *mystikos*, que significava em grego não cristão o que se referente aos mistérios (*ta mystika*), isto é, as cerimônias das religiões místicas nas quais o iniciado (*mystes*) incorporava o processo de norte-ressurreição do deus próprio de cada um desses cultos.⁴ (Tradução nossa)

Velasco afirma que a Mística, enquanto experiência religiosa com o mistério, começou a ser praticada antes do cristianismo e foi incorporada por este no que se refere à importância dada aos fenômenos de morte e ressurreição atribuídos ao Cristo, isto é, os adeptos da fé cristã continuaram, de maneira atualizada com a nova proposta, uma vivência mais antiga.

Por essa razão, é importante demarcar que os pareceres, aqui tentados, possuem um recorte específico, já que a ideia de mística é profundamente abrangente. Também é sabido que o cristianismo não abarcou somente o Ocidente e que seu percurso e seus valores não estão restritos à Idade Média, devido às naturais transformações dos conceitos e dos valores, como um todo.

Dentre os textos religiosos cristãos que circulam desde a Idade Média, não é difícil reconhecer os que expressam a Mística pelo fato de que os mesmos são possuidores de uma linguagem específica. Numa leitura inicial, aparece logo o fato de que “A primeira característica da linguagem mística consiste em sua condição de ser a linguagem de uma

³ “[...] Hadewijch no encontró su biógrafo [...] sin duda porque, como beguina, vivía fuera de un medio monástico. Sólo un manuscrito ha conservado su nombre con una indicación geográfica: «Bienaventurada Hadewijch de Amberes»” (ÉPINEY-BURGARD; ZUM BRUNN, 2007, p. 154)

⁴ “[...] es la transcripción del término griego *mystikos*, que significaba en griego no cristiano lo referente a los misterios (*ta mystika*), es decir, las ceremonias de las religiones místicas en las que el iniciado (*mystes*) se incorporaba al proceso de muerte-resurrección del dios propio de cada uno de esos cultos.” (VELASCO, 2009, p. 19)

experiência”⁵ (Tradução nossa). Por essa razão, afirma-se frequentemente que a linguagem verbal não consegue abarcar uma teorização da experiência mística já que é sempre um discurso a partir de um *eu* que fala sobre uma união vivida na interioridade do ser. Muito mais do que isso, essa experiência com o inefável é paradoxal, em si mesma, como se pode ver, por meio da linguagem que emprega.

Outro elemento muito presente na linguagem da Mística é a “transgressividade” verbal e esta ocorre por meio de recursos que desconstroem a linearidade dos significados, das ideias. “Os recursos mais claramente expressivos da transgressividade da linguagem mística são, sem dúvida, junto a já anotada metáfora, o paradoxo e a antítese”⁶ (Tradução nossa) e essas características promovem uma espécie de labirinto verbal, dentro do qual o saber e o não saber encontram-se e entrelaçam-se, ora como angústia (o desconforto subjetivo não nomeado), ora como êxtase (cume da *unio mystica*).

É justamente nesse aspecto da construção de um texto místico que há a ultrapassagem das fronteiras do texto religioso⁷ e uma imersão no terreno da arte literária. Nesse processo de entrelaçamento, constituem-se as inúmeras camadas de significados, que embora estejam abertas à construção de interpretações, continuam sempre abertas a novas análises, afinal, a metáfora faz com que a obra literária permaneça como uma sucessão de jogos subjetivos, cada vez mais desafiadores, jamais dispostos a serem desvelados completamente.

Antes da leitura do poema *Coloquio de Amor*, escrito por Teresa d’Ávila, interessa acrescentar que o conhecimento dos textos místicos medievais, escritos por mulheres ou por homens, tem mostrado que há um diferencial de linguagens apresentado pelos dois tipos de autoria. No caso dos textos escritos por mulheres, encontra-se “[...] uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade” (TROCH, 2013, p. 3).

Assim, leia-se em *Coloquio de Amor*, numa tradução livre:

Se o amor que me tens
Deus meu, é como o que o tenho
Dizei-me: em que me detenho?
Ou vós: em que vos detendes?
- Alma, que queres de mim?
- Deus meu, não mais que ver-te.
- E o que temes mais de tí?
- O que mais temo é perder-te.

Um amor que ocupe, peço-vos
Deus meu, minha alma o tenha
Para fazer um doce ninho
Onde mais a convenha.
Uma alma em Deus escondida

⁵ “El primer rasgo propio del lenguaje místico consiste en su condición de ser el lenguaje de una experiencia” (VELASCO, 2009, p. 51)

⁶ “Los recursos más claramente expresivos de la transgresividad del lenguaje místico son, sin duda, junto a la ya anotada metáfora, la paradoja y la antítesis.” (VELASCO, 2009, p. 54).

⁷ É preciso deixar claro que existe a chamada “mística profana” (VELASCO, 2009, p. 97), que engloba todas as formas de mística no campo não religioso. No entanto, o presente artigo resguarda-se de apresentá-la, deixando essa discussão para outras ocasiões.

Que pode mais desejar
 Senão amar e mais amar?
 E, em amor toda incendiada,
 Tornar, de novo, a amar?⁸ (Tradução nossa)

Como se verifica no texto, a começar pelo título, há um diálogo entre dois entes: a alma humana (eu-lírico) e o divino amado (O Deus cristão, possivelmente), cujo conteúdo é o próprio amor que existe entre os dois. Dividido em duas estrofes, sendo a primeira de oito versos, e a segunda, de nove versos, é a voz da alma que inicia o colóquio, questionando ao seu amado a respeito das limitações de seu entendimento (dela) frente à relação que vivem.

Ao retomar as considerações de Velasco e de Lieve Troch, apresentadas anteriormente, não é difícil constatar que em *Coloquio de Amor* há linguagem poética. A própria relação entre uma alma humana e seu amado divino já é uma forma de metaforizar uma experiência de cunho espiritual. O divino é chamado de “Deus meu” (versos 2, 6 e 10) e apenas o contexto de escritura do poema é capaz de levar a uma interpretação relacionada a Yaweh ou a Jesus Cristo, já que se trata de um texto religioso deixado por uma monja católica. Mas, a expressão “Deus meu”, por si mesma, não é suficiente para definir essa divindade como cristã.

Nesse sentido, a Mística presente no poema de Teresa d’Ávila já se apresenta com sua característica labiríntica, sem a possibilidade de ser esgotada, sequer numa interpretação tão primária. É possível afirmar que a expressão “Deus meu” refere-se a Jesus Cristo? A Deus pai, Yaweh? Além disso, como atestam os biógrafos da autora, seus pais eram judeus e, portanto, sua cultura religiosa de base não era cristã. Porém, até que ponto se pode afirmar que a expressão “Deus meu” não é cristã?

Nesse caso, é preciso considerar dois elementos: o primeiro diz respeito à representação que o texto teresiano oferece ao seu contexto social, isto é, ser escrito por uma monja reformadora e fundadora de uma ordem oficial da Igreja de Roma, instituição essencialmente cristã. Embora, para os Estudos Literários, esse fato não seja suficiente para conceber o teor de *Coloquio de Amor* (ou de qualquer outro texto) como cristão, sabe-se que se trata de um significativo ponto a ser considerado.

O outro elemento que não se pode esquecer diz respeito ao próprio significado da palavra “Mística”, de acordo com os estudos de Velasco, apresentados acima, proveniente das religiões místicas anteriores ao cristianismo. Nesse caso, os textos que expressam tanto uma porção da Mística quanto da Literatura, não estão presos somente a uma tendência, a um contexto específico.

Ao considerar tais afirmações, é possível depreender uma nova compreensão sobre “Deus meu” (no poema em análise), a de que se trata de uma divindade e é possível que esta seja cristã, mas isso estará sempre em aberto. Ainda outra compreensão possível é a de que, mesmo sendo unicamente uma divindade cristã, esta não está circunscrita ao Cristo, pois, os elementos formadores do cristianismo e, especialmente da instituição católica romana,

⁸ Si el amor que me tenéis/ Dios mío, es como el que os tengo;/ Decidme, ¿en que me detengo?/O vos, ¿en que os detenéis?/ — Alma, ¿qué quieres de mí?/ — Dios mío, no más que verte./ — Y ¿qué temes más de tí?/ — Lo que más temo es perderte.// Un amor que ocupe os pido,/ Dios mío, mi alma os tenga,/ Para hacer un dulce nido/ Adónde más la convenga./ Un alma en Dios escondida,/ ¿Qué tiene que desear/ Sino amar y más amar,/ Y en amor toda encendida/ Tornarte de nuevo a amar? (JESUS, 1974, p. 313)

transitam para o anterior, para o “ao redor” e para o depois do Cristo em si. Trata-se, dessa maneira, de um acordo interpretativo.

Chama a atenção outro ponto que se constitui como característica apresentada no poema e do qual Troch faz menção, anteriormente, que é a ‘reformulação da divindade’. É interessante notar que a alma faz perguntas ao divino amado (versos 3 e 4), e este, responde-as (versos 5 e 7). Mesmo lançando outras perguntas direcionadas à alma, o ente divino atende, verbalmente, às angústias da alma humana e se coloca a serviço dela. Nesse aspecto, há uma reformulação da divindade no que se refere aos lugares ocupados, convencionalmente, pela alma e pelo ser divino, pois, é este último quem indaga, no verso 5, o que sua amada quer dele.

Quanto à presença da antítese, retomando os apontamentos de Velasco sobre as características da linguagem mística, note-se que a mesma se dá, em primeiro plano, aos lugares ocupados por cada ente formador do par, no diálogo amoroso. A reformulação teológica da divindade não exclui o fato de que um dos amantes é humano e o outro é divino e, portanto, um é imperfeito e o outro é perfeito, respectivamente.

Também se constitui antítese o fato de que, mesmo sendo perfeito, o ente divino se dispõe a servir à alma humana (verso 5). Nesse ponto, alude-se ao ideal religioso expresso no discurso do Cristo quando este afirma: “[...] eu não vim para ser servido, mas para servir [...]” (Mt 20, 28) e que é lembrado, indiretamente, no poema.

Na segunda estrofe apresentada em *Coloquio de Amor*, há uma espécie de núcleo subjetivo do poema, pois a fala da alma amante está carregada da impregnação afetiva própria da linguagem mística e, não apenas dela, esse tipo de característica também é representativa dos poemas de amor. Eis, portanto, outro caminho inesgotável dentro dos processos de análise, já que a ideia de impregnação afetiva guarda, como recurso essencial, a metáfora, criando um entrelaçamento de significados. Como consequência, esse entrelaçamento impede a percepção dos limites entre o que se constitui como porção afetiva pertencente à experiência mística e conteúdo afetivo sugerido na construção do fenômeno literário.

Importa ainda destacar o teor da pergunta que encerra o poema (versos 14 a 17) e que se encontra grafada como uma interrogação, mas pode ser considerada como uma grande exclamação. O trecho afirma que nada mais importa a uma alma toda escondida em Deus, senão viver o amor. Trata-se do anseio de fusão mística, a chamada *Unio mystica*, em que alma amante e amado divino fundem-se num Todo de amor.

Esse tipo de amor cantado na poesia de Teresa d’Ávila assemelha-se, muito mais do que ao amor filial ou fraternal, ao amor sponsal. É uma referência à escolha da alma humana em ‘casar-se’ com o ente espiritual, o divino esposo. Para constatar essas afirmações, apesar de não ser diretamente expresso no poema, o colóquio amoroso que se trava demonstra que ambos querem-se e dispõem-se um ao outro.

Sobre esse aspecto, é indispensável reconhecer que a poesia teresiana não se encontra isolada, mas insere-se numa dupla tradição: a de escritura mística desenvolvida por mulheres, desde a Idade Média. A maior parte dos traços constituintes da subjetividade teresiana pode ser vislumbrada também na produção deixada por Hildegarda de Bingen, Margerite Porète, Hadewijch de Ambères, Catarina de Siena, Juliana de Norwich, entre outras, o que forma uma história de escritura literária e mística, ao mesmo tempo.

Considerações finais

Considerando tudo o que foi dito até agora, é possível reconhecer, na linguagem do poema *Coloquio de Amor*, elementos próprios da linguagem usada na Mística cristã ocidental, embora esteja claro que a compreensão desse contexto da Mística é fluida, já que suas raízes, não estão, unicamente, na divindade do Cristo, ao menos no que se refere à terminologia.

Levando em conta o fato de que a poesia, bem como as outras expressões artísticas, são produtos simbólicos do que constitui o humano, é pertinente a afirmação de que, nela, encontram-se vastas possibilidades de significação e, nesse sentido, as compreensões caminham por escolhas, pois também partilham de uma imensa fluidez de compreensões.

No caso do poema de Teresa d'Ávila, *Coloquio de Amor*, as nuances metafóricas expressam-se por meio de uma conversação íntima entre uma alma e seu amado divino. Por meio dela, é possível encontrar elementos como o desejo da fusão mística e o amor sponsal, em uma linguagem carregada de impregnação afetiva que se utiliza de antíteses e metáforas capazes de tecer, ao mesmo tempo, arte literária e linguagem mística.

Essa caracterização linguística do poema mostra que a obra não se encontra isolada, na história da Literatura e da Mística, mas se insere numa tradição de escritos, especialmente aqueles de autoria feminina em que é possível encontrar uma espécie de reformulação da divindade.

Assim, *Coloquio de Amor* desafia pareceres superficiais, afinal, provoca um olhar que, ao menos no presente contexto, passa pela Mística e sua história, bem como, por intermináveis caminhos poéticos conferidos pelo engenho literário com o qual foi elaborado. Acrescente-se que este ponto de vista está voltado apenas ao aspecto conteudístico, sem se deter no âmbito da construção estrutural do poema, outro caminho igualmente desafiador.

Portanto, ao empreender esta leitura do poema agora destacado, provoca-se, no mínimo, um olhar mais atento sobre os muitos escritos, de teor místico, deixados por mulheres que viveram durante a Idade Média. O referido período também passa a ser visto de forma mais abrangente, conferindo uma revisitação de conceitos como o de Idade Média, Literatura Mística e autoria feminina, interesses principais que perpassam a proposta trazida até aqui.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

HADEWICH DE AMBERES. *Deus Amor e Amante*. [Tradução de Roque Frangiotti]. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

JESUS, Santa Teresa de. *Poesias*. In: _____ OBRAS Completas. 4. ed. Madrid: La editorial catolica, 1974.

JOHNSTON, William. *Mystical Theology: the Science of love*. 2. ed. London: Harper Collins Publishers, 1996.

LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. [Tradução de Marcos de Castro]. 2. ed. Rio de Janeiro, 2010.

ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS. Fundamentos, governo e presença no mundo. Disponível em: <<http://www.carmelo.com.br/default.asp?pag=p000045>>. Acesso em: 16 out. 2011.

TROCH, Lieve. “*Mística Feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais.*” In: Revista Graphos. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Volume 15, no.1, 2013. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fgraphos%2Farticle%2Fdownload%2F16324%2F9352&ei=WUmNUrJ2pKzIAfWgKgB&usg=AFQjCNHII3gIG07z05HI7jA-TrWsF8Ds9g&bvm=bv.56988011,d.aWc>>. Acesso em 20 nov. 13.

VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico: estudio comparado*. 3. Ed. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

ÉPINEY-BURGARD, Georgette. ZUM BRUNN, Émilie. *Mujeres Trovadoras de Dios*. 1ª ed. Barcelona: Bolsillo Paidós, 2007.

RECEBIDO EM 19/06/2015
ACEITO EM 10/08/2015